



## FORMAÇÃO DOCENTE E ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA SIGNIFICATIVA

Rita de Cássia da Conceição Gomes (GEOPROF-CERES<sup>1</sup>)

E-mail: ricassiacg@gmail.com

Josélia Carvalho de Araújo (UERN<sup>2</sup>)

E-mail: joseliacarvalho@gmail.com

**Resumo:** O trabalho ora apresentado parte das inquietações de como vem sendo desenvolvendo o estágio supervisionado em geografia no Campus Central da UERN, e objetiva discutir sobre tais inquietações, e propor uma forma flexível e significativa de estágio supervisionado em geografia, para que, efetivamente contribua para a formação docente. A metodologia teve como embasamento teórico as discussões feitas nos encontros de orientação de estágio; já do ponto de vista empírico, a interação com professores supervisores de campo, bem como discussões orais e escritas dos estagiários. Dessa base empírica, emanou a viabilidade da proposição significativa para a realização do estágio supervisionado em geografia, para que contribua, efetivamente, para a formação docente.

**Palavras-chave:** Formação Docente, Estágio Supervisionado, Educação Geográfica.

**Eixo temático:** GT1 – A Educação Geográfica e as Políticas atuais para a Formação Docente

### INTRODUÇÃO

Superar um modelo de estágio supervisionado em geografia meramente formal. Esta é uma inquietação a nós posta, cada vez que nos aprofundamos em leituras e discussões em nossas aulas que tenham como foco o Ensino de Geografia, bem como quando estabelecemos contatos com escolas parceiras; e ainda mais, quando participamos de eventos acadêmicos que versam sobre a

<sup>1</sup> Mestrado Profissional em Geografia-Centro de Ensino Superior do Seridó

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



temática. Nestas interações, identificamos um hiato abissal entre teoria e prática, entre discurso e postura; por fim, entre o acadêmico e o profissional.

Nesse contexto, outra inquietação se nos descortina: qual o papel da academia na formação de professores, visto que forma novos profissionais a cada ano? E é neste sentido que Oliveira; Pontuschka (2006), ao proporem repensar e refazer a prática de “Estágio Curricular Supervisionado no Ensino de Geografia”, fazem isto a partir de uma firme constatação de que, parafraseando as autoras, o novo professor já entra “envelhecido” no processo, pelo fato de reproduzir práticas cristalizadas de ensino.

Foi também em busca de conhecer novas experiências que estabelecemos parceria com o GEOPROF-CERES, no sentido de conhecer a prática dos professores que estão em formação continuada neste Programa, para então intercambiar conhecimentos, e renovar nossa prática enquanto supervisores de estágio. Tal parceria resultará, além de aquisição de novos conhecimentos, mas também em cooperação mútua, e elaboração de novas propostas e novos rumos a formação docente, por ocasião do estágio supervisionado, resultando assim numa educação geográfica mais significativa, abrangendo desde a universidade à escola. A partir desta parceria entre UERN e GEOPROF-CERES, daremos início a um processo de renovação da prática de formação docente no curso de licenciatura em geografia da UERN, bem como propiciaremos o aprimoramento da formação dos profissionais em formação junto ao GEOPROF.

## **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DISCUSSÃO**

Inquietar-nos com o que fazemos é algo que nos move a avançar em busca de aperfeiçoamentos. É isso, certamente, que move a ciência e a humanidade. O estágio supervisionado obrigatório nos cursos de licenciatura em geografia não foge a essa necessidade.

Inquieta-nos então o formalismo, o excesso de rigor, e até mesmo, na maioria dos casos, a visão do estágio supervisionado tão somente como



instrumento de avaliação do estagiário. Não que estas sejam visões preconizadas pelos documentos oficiais que regulamentam o estágio supervisionado, antes, por parte de muitos professores que atuam nas disciplinas de estágio, e que se comprazem ao se postarem no “fundo” de uma sala de aula de uma escola parceira, e verem o seu estagiário atônito, desconsertado, exatamente por saber do significado da presença do seu professor supervisor, que é, quase sempre, de julgar seu desempenho para aferir uma nota, cobrando um rigor docente a um estagiário ainda inexperiente.

Estes relatos não são generalizantes de todo e qualquer estágio da licenciatura em geografia, mas também não se restringem a ocorrências pontuais. Antes, têm por base as discussões de práticas apresentadas por ocasião da realização dos Fórum Integrado de Ensino dos Cursos de Licenciaturas (FIEL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o que abrange um significativo número de cursos que e professores supervisores de estágio que desenvolvem essa prática.

Assim, é do nosso labor, do lugar da nossa ação docente, enquanto supervisão de estágio que buscamos uma crítica à prática exercitada até então, com vistas à construção de uma proposta significativa de estágio, que contribua mais como formação docente do que como instrumento de avaliação ou de aferição de nota.

Ao lançarmos nosso olhar sobre os relatórios entregues pelos nossos estagiários no último semestre cursado, tendo como objetivo mudar o curso da prática de estágio, deparamo-nos com o excesso de formalismo, o qual os próprios estagiários teceram críticas a respeito.

O conteúdo constante nos relatórios apresenta, em nome de “conhecer a realidade, para em seguida atuar”, um excessivo detalhamento da estrutura física da escola, dos seus equipamentos, da gestão, das atividades desenvolvidas, da qualificação do professor, da vida social dos alunos etc., entretanto, todas essas informações estão “descoladas” de qualquer relação com a atuação do estagiário.



Os estagiários chegam ao terceiro estágio do curso de licenciatura em geografia, reproduzindo um relatório sempre com o mesmo formato, por mera obrigação formal, fazendo tratamento e sistematização de dados, que de nada servem para interpretar a tão propalada realidade sobre a qual irão atuar. E tudo isso, depois de terem atuado, que é quando entregam o relatório, quiçá, se o fizeram quando da realização da atuação enquanto estagiário. Ou seja, não o fizeram.

É a esse excesso de formalismo que combatemos, e que almejamos superar com essa proposta de trabalho, partindo da crítica ao que temos feito até o momento, para então construirmos algo de novo, verdadeiramente significativo para a formação docente do estagiário em geografia, tendo em mente que o estágio supervisionado é momento oportuno de aperfeiçoamento da aprendizagem enquanto docente, e como

[...] via fundamental na formação do professor, é essencial considerar que o mesmo possibilita a relação teoria-prática, conhecimentos do campo de trabalho, conhecimentos pedagógicos, administrativos, como também conhecimentos da organização do ambiente escolar, entre outros fatores. Dessa forma, o objetivo central do estágio é a aproximação da realidade escolar, para que o aluno possa perceber os desafios que a carreira lhe oferecerá, refletindo sobre a profissão que exercerá, integrando – o saber fazer – obtendo (in)formações e trocas de experiência (BORSSOI, 2008, p. 1).

É nesse sentido que alguns dos nossos estagiários apontam a importância do estágio supervisionado em seus relatórios, o que mostra que eles têm essa consciência, e que poderiam aproveitar melhor o momento do estágio, indo além do formalismo exigido pela prática desenvolvida, a qual eles mesmos criticam.

Quanto à importância do estágio, o ALUNO A<sup>3</sup> afirma: “*O estágio é uma etapa muito importante na formação do aluno do curso de Geografia, nesse meio*

---

<sup>3</sup> O discurso dos estagiários seguirá as normas de citação da ABNT, diferenciando-se apenas por ser grafado em itálico.



*podemos vivenciar a prática docente, observar e avaliar toda a formação do que é ser professor.”*

Essa visão pode ser ratificada nas palavras que seguem, sobre a relação professor colaborador com o estagiário. Ele

[...] possui um papel imprescindível no processo de estágio, pois é alguém que carrega a experiência da docência e da prática pedagógica. O modo como ele conduz o estagiário e a relação que ambos estabelecem pode ser o ponto-chave para o desenvolvimento profissional do futuro professor (CYRINO; BENITES; SOUZA NETO, 2015, p. 255).

Ainda sobre a visão desse mesmo ALUNO A, sobre o estágio supervisionado, ele afirma que *“É o momento onde temos o contato com a realidade escolar que futuramente será nosso ambiente de trabalho.”* Ao afirmar assim, está o aluno demonstrando que acredita a eficácia do estágio como etapa da sua formação, e que deseja retornar àquele ambiente como profissional. Certamente, pensando assim, o referido aluno aproveitará cada momento do estágio para aprender a se aperfeiçoar enquanto professor.

Nesse sentido, Mafuani (2011, p. 13) nos diz:

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano.

Aportando-nos nas ideias defendidas na citação, é que encorajamo-nos cada vez mais a questionar nossa prática de estágio supervisionado em geografia até então desenvolvido, e tentar construir uma nova prática, mais flexível e significativa para a formação dos novos docentes.

Seguindo nossa incursão pelos relatórios de estágio dos nossos alunos, apresentamos a seguir as considerações do ALUNO B sobre o estágio supervisionado em geografia:



*O estágio consiste em aplicar, desenvolver, transformar, apreender, avaliar e buscar novos conhecimentos enquanto formação acadêmica, mas principalmente na nossa formação docente, pois no mesmo tive a oportunidade de vivenciar as situações encaradas diariamente pelos professores, sentido na pele um pouco dessa ‘atmosfera’, assim como minha contribuição mesmo que muito rápida na formação estudantil e construção de caráter dos alunos.*

A visão ora apresentada já nos dá uma visão da densidade de informações a respeito das quais o referido estagiário tem em relação ao estágio, do que o mesmo almeja com o estágio supervisionado em geografia. Logo, estamos diante de “campo fértil” para uma promissora “semeadura” – ao enveredarmos por uma metáfora –, e isto nos indica a necessidade de romper com o excesso de formalismo, e muito mais oportunizar a estes estagiários experiências significativas de realização de estágio, para que assim desenvolvam suas habilidades enquanto docentes em formação.

É ainda esse mesmo ALUNO B quem nos diz:

*[...] podemos observar que não basta apenas a teoria e o conhecimento adquirido na universidade, uma vez que é difícil relacionar teoria e prática, assim o estagiário ele tem que vivenciar a prática docente junto ao estágio para sentir na pele como é realmente que se toma conta de uma sala de aula.*

Ante os discursos dos nossos estagiários ora apresentados, aumenta em nós a responsabilidade de superar a prática meramente formal de realização do estágio supervisionado em geografia, sempre estruturado segundo uma dualidade entre “observação”, etapa na qual o aluno aplica formulários e questionários, observa, faz registros, os quais servem tão somente para utilizar de forma descritiva no relatório final do estágio; e “regência”, etapa que se segue à observação, na qual o aluno assume a sala de aula, e ministra aulas, algumas vezes, com ou sem a presença do professor colaborar, a depender do acordo estabelecido entre ambos.



Essa separação entre observação e regência é, ao nosso ver, inútil, posto que não há interação, e mais ainda, que não corresponde à realidade do que o estagiário terá que se deparar ao assumir efetivamente uma sala de aula ao tornar-se um profissional. Em outras, palavras, nenhum professor passa uma etapa observando seus alunos, para só depois ministrar aulas. Ademais, os alunos “observados” em um dado período de tempo já não serão os mesmos quando o estagiário for desenvolver a regência, parafraseando o sábio filósofo, Heráclito de Éfeso.

A respeito dessa crítica quanto à observação estéril por ocasião do estágio, já é uma discussão bem antiga, mas ainda não foi vencida, porque a formalidade impera, como se o supervisor de estágio não pudesse prescindir de tal artifício. Faz eco às nossas palavras o trecho a seguir, de forma contundente:

O estagiário é, geralmente, independentemente da disciplina em questão, um aprendiz, um estranho à sala de aula, que a ela se incorpora visando a observar minuciosamente a experiência viva do professor (principalmente) e dos alunos. Por esse quadro resgatamos a justificativa de tal mecanismo de intercâmbio manter-se ineficaz, ainda que aparentando estar em pleno funcionamento. A idéia de aprendiz, conforme vemos, revela tratar-se de uma aprendizagem passiva (OLIVEIRA; PONTUSCHKA, 1989, p. 119).

Mas, se de um lado, há passividade quanto à aprendizagem do estagiário, de outro, há um forte impacto com relação aos alunos da escola, decorrente deste “observar”, porque o estagiário incomoda mais que contribui efetivamente. Assim, “Em relação à classe, a estranheza de sua presença [do estagiário] é uma constante, jamais vindo a constituir uma participação enriquecedora. Ao contrário, ela tende ao incômodo” (OLIVEIRA; PONTUSCHKA, 1989, p. 119).

Diante do exposto, a prática de estágio supervisionado em geografia requer uma sempre constante releitura da realidade, conforme cada turma de estagiários assumida e a cada escola campo de estágio com a qual



estabelecemos parceria. Do contrário, manter-nos-emos na mesmice de um fazer consolidado, que aparentemente é resguardado pela experiência.

Entretanto, é precisamos estar sensíveis à realidade que nos instiga a fazer diferente, a qual nos foi facultada pelo discurso dos estagiários, quanto às suas visões sobre o estágio supervisionado em geografia, bem como as críticas a ele feitas, sobre as quais discutiremos oportunamente.

Afinal, validade deste já tão consolidado estágio supervisionado tradicional vem sendo questionado, conforme a seguir:

Que aprendizagem prática tem o estagiário tradicional, além da confirmação do **mito da desnecessidade do estágio**? Diretamente, talvez, apenas a reprodução do exercício pedagógico, que na maioria das vezes caracteriza-se como estagnado, inconsciente, e até mesmo irresponsável. Formando assim mais um ciclo vicioso na escola, onde **o novo professor já entra envelhecido** (OLIVEIRA; PONTUSCHKA, 1989, p. 119, grifos nossos).

Mas, para que possamos encerrar essa sessão sobre a discussão do estágio supervisionado em geografia de um modo mais propositivo, apontamos um diálogo segundo autores com os quais temos concordado:

As atividades seguintes vão comprovando um desempenho participativo do trabalho de estágio e mostrando quais métodos são mais adequados aos objetivos de sua experimentação. Diante do trabalho do professor, ou paralelamente a este, o aluno estagiário aplica exercícios, questionários, textos de apoio, traz recursos áudio-visuais, colabora na explicação, propõe e acompanha atividades extra-classe, participa de reuniões etc. Evidentemente, sejam quais forem os meios, tal prática pressupõe uma coparticipação do professor e o aval de acompanhamento dos alunos (OLIVEIRA; PONTUSCHKA, 1989, p. 121).

Entre teoria e prática, apesar do vasto lapso de tempo, vejamos que um dos nossos estagiários relatou que pôde exercitar esse tipo de atividade, no ano de 2017:





*A princípio esse estágio seria mais focado na regência, mas tive algumas aulas de **observação**, uma delas o professor propôs um trabalho que seria desenvolvido em 3 etapas, a primeira seria um fichamento, a segunda seria um dicionário de conceitos e termos geográficos e a última seria a elaboração de um vídeo, que seria apresentado por últimos pelos grupos anteriormente definidos. Os assuntos em sua maioria seriam tirados do livro, muito embora o professor deu a liberdade de coleta de dados de outras fontes confiáveis (ALUNO B, grifos nossos).*

Por fim, é importante apresentarmos o registro de que, ao indicarmos o item “críticas” a ser contemplado no relatório de estágio, todos os estagiários foram unânimes ao dizerem que: a) há um excesso de questionários e formulários; b) que as perguntas estão desatualizadas, e não correspondem à realidade do aluno; c) que há um excesso de formalidade; d) e que gostariam de elaborar suas próprias perguntas.

É exatamente esta última afirmação, a qual foi também resultante das nossas discussões em sala de aula, por ocasião dos encontros de orientação com os estagiários, que nos instiga a apresentar uma proposição significativa para o estágio supervisionado em geografia, que venha a contribuir efetivamente para a formação docente.

### **UMA PROPOSTA SIGNIFICATIVA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Partindo das discussões desenvolvidas na sessão anterior e das críticas elencadas por nossos estagiários, apresentaremos a seguir o que ora denominamos de “proposta significativa de estágio supervisionado em geografia”, sempre indicando aquilo que iremos superar, e o que iremos propor em seu lugar.

*EXCESSO DE FORMALISMO* – com relação às discussões em torno do excesso de formalismo, entendemos que a realização do estágio supervisionado exige um mínimo de formalidade, como a assinatura do Termo de Compromisso do Estágio (TCC), o qual é celebrado entre a UERN e as escolas parceiras. Não podemos então prescindir desse documento.



Entretanto, os demais formulários e questionários serão substituídos pelo “caderno de campo”, utilizando técnicas de pesquisa qualitativa, das quais entendemos que os alunos já terão se apropriado por ocasião da disciplina Metodologia do Trabalho Científico, e serão apenas redimensionadas por ocasião do estágio supervisionado, em função de estarmos ante uma nova realidade. Assim, ao descortinar-se a realidade escolar ao estagiário, poderá, ele mesmo, levantar suas questões, e levar suas inquietações para os encontros de orientação do estágio, os quais ocorrem na universidade. Nessa etapa, será propiciado ao aluno o exercício da relação ensino-pesquisa.

*LEVANTAR AS EXPECTATIVAS DO SUPERVISOR DE CAMPO* – quase sempre, nossos estagiários chegam às escolas parceiras com o estágio devidamente estruturado, com horas distribuídas para cada atividade, sem antes perguntar ao professor supervisor de campo o que ele quer que faça enquanto parceiro, naquele período em que estará ali, para aprender. Nossa proposta é que seja firmada uma parceria entre supervisor de estágio da universidade, estagiário e supervisor de campo, procurando ouvi-lo, em primeiro lugar, saber dos seus projetos, do seu modo de trabalhar, para então seguir seus passos.

Assim, ao se deparar com alguma necessidade de renovação profissional por parte do supervisor de campo, o supervisor da universidade viabilizará algum tipo de formação e renovação da sua prática. Esse é apenas um exemplo, outras demandas poderão surgir ao se darem a conhecer.

*APRESENTAR O ESTAGIÁRIO COMO APRENDIZ* – entendemos que em vez de dizer ao supervisor de campo que o estagiário irá “observar” em determinado período, e que irá cumprir “regência” em outro período, mais significativo para a aprendizagem do futuro docente é apresentá-lo como aprendiz do supervisor de campo. Isto significa que o estagiário estará à disposição do professor colaborador, ora interagindo e observando, ora ministrando aulas, ora participando de eventos, etc.

Nesse ponto, entendemos ser desnecessário vincular a presença do estagiário a uma única turma de alunos ou a duas, como tem sido a prática.



Melhor será o estagiário experimentar as mais diversas turmas, a depender do que indicar o supervisor de campo, que bem as conhece, e poderá indicar cada uma conforme a necessidade de interação com a qual o estagiário deverá ter experiência. Os relatos dos nossos estagiários, nesse sentido, dão-nos conta de “turma bem comportada” e de “turma mal comportada”. Essa visão estereotipada precisa ser superada.

*DEIXAR UM LEGADO DO ESTÁGIO* – partindo do pressuposto de que a tríade ensino-pesquisa-extensão há que ser exercitado na academia, e tendo recebido inquietações de alguns supervisores de campo de estágio, sobre qual seria o legado do estagiário para a escola, para a turma, e até mesmo para ele, defendemos que seja feito um exercício de pesquisa-ação, pelo qual será questionada a prática do professor supervisor de campo, verificando suas carências de materiais e metodologias inovadoras para a educação geográfica, e que o estagiário possa elaborar os recursos requeridos que lhes forem possíveis, para assim aprimorar a prática do professor supervisor de campo. Nessa etapa do estágio, estar-se-á exercitando a relação ensino-pesquisa-extensão, fechando assim a tríade *ensino-pesquisa-extensão*.

*AValiação PELO SUPERVISOR DE CAMPO* – no lugar de entregar formulários ao professor supervisor para que ele preencha com notas sobre o desempenho do estagiário, propomos solicitar que elabore um relatório de desempenho, seguindo alguns critérios que sejam previamente acordados por ocasião do primeiro contato, quando for firmada a parceria para o estágio.

Dessa forma, o supervisor de campo dirá ao estagiário, quando o receber, quais são suas expectativas em relação ao seu desempenho; e dirá, ao final do estágio, se o estagiário atingiu ou não os objetivos traçados, indicando em que poderá melhorar. Importante facultar ao supervisor de campo fazer adequações à prática do estagiário durante todo o período, não deixando para fazer somente observações, e quando o curso da história já não mais puder mudar, quando do fim do estágio.



## CONCLUSÕES

Aprender com nossos alunos. Parece uma máxima já “batida”. Mas esse aprender consiste, ao nosso ver, em aprender a refazer, aprender a descobrir como eles novos rumos para a educação geográfica, seja na formação universitária, seja em seu exercício profissional, por ocasião do estágio supervisionado. E foi isso ao que nos propusemos: partir da análise dos relatórios de estágio, considerar os discursos dos estagiários, ponderar as inquietações dos supervisores de campo, indignar-nos com as práticas cristalizadas de alguns colegas do FIEL, enfim, perceber que precisamos refazer o caminho de encontro entre academia e escola, se não quisermos perder nosso campo de estágio, se não quisermos perder tempo com mero excesso de formalismo vigilante e esmerado em busca aferir nota.

Entendemos que o momento do estágio supervisionado, em vez de verificação de aprendizagem do futuro docente, deve ser de promoção deste futuro docente. Ou seja, devemos promovê-lo para que, da parceria entre universidade e escola, nosso aluno seja promovido da condição de estagiário à condição de docente. Enfim, que ele comece enquanto estagiário e termine como professor.

## REFERÊNCIAS

BORSSOI; Berenice, O estágio na formação docente: da teoria a prática; ação-reflexão. Cascavel/PR: UIOESTE, 2008.

CYRINO, Marina; BENITES, Larissa Cerignoni; SOUZA NETO, Samuel de. **Educação Usininos**: Formação Inicial em Pedagogia: os professores colaboradores no estágio supervisionado. maio/ago, 2015, p. 252-260.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. São Paulo: Instituto de Ensino Superior de Bauru. 2011.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). **Geografia e ensino**: textos críticos. 9. ed. Campinas/SP: Papirus, 1989.